

IE-00000432-9

INDÚSTRIA

A indústria de transformação em retração

*Daisy Dias Schramm Zeni**
*André Luis Contri***

No Brasil

A retomada da análise do desempenho da indústria de transformação brasileira em 1988 torna-se indispensável em razão da necessidade de levar em conta dados referentes aos últimos meses desse ano, que retratam a amplitude da redução verificada na atividade industrial. Essa redução man-

*Economista da FEE.

**Aluno do Curso de Graduação em Economia da UFRGS.

teve-se nos primeiros meses do corrente ano, e, embora haja escassez de informações que permitam uma análise mais aprofundada, são vários os sinais indicativos de que a economia nacional continua em pleno processo recessivo, com as causas e efeitos apontados para o mau desempenho do setor industrial em 1988 conservando-se presentes ao início de 1989.

1988: retrospecto

Em 1988, a indústria brasileira deu continuidade à tendência de queda de produção, tendência esta observada desde fins de 1987. Comparativamente a 1987, a retração atingiu 3,3%, sendo esse, segundo a Fundação IBGE, o pior desempenho do setor desde o começo da presente década.

Ainda de acordo com a mesma instituição, a indústria de transformação foi o segmento que experimentou a baixa mais acentuada na produção, registrando, no mesmo período, a taxa média de crescimento de -3,5%. Deve-se ressaltar que os resultados só não foram inferiores devido à vigorosa "performance" das exportações brasileiras de produtos industrializados, que, em 1988, se expandiram em cerca de 34% relativamente a 1987 e representaram 71,29% do total das exportações do País no mesmo período.

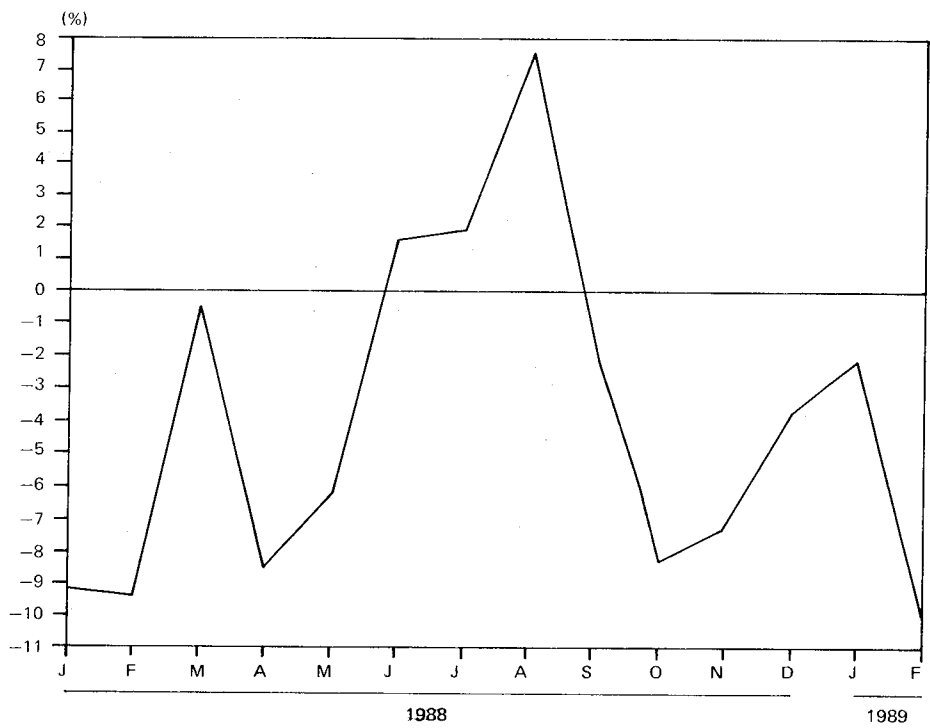
Examinando-se o comportamento da indústria de transformação brasileira ao longo de 1988, observam-se três fases distintas. A primeira, que se estende de janeiro a maio, caracterizou-se por taxas de crescimento muito baixas, todas negativas.

A segunda fase, que engloba os meses de junho a agosto, distinguiu-se pelo aumento significativo das taxas de crescimento da produção, basicamente em razão do volume crescente das exportações e do aquecimento registrado no mercado interno. Ao final dessa segunda etapa, havia a expectativa de que a indústria de transformação poderia chegar ao fim do ano com uma taxa acumulada ao redor dos 2%.

Entretanto, o período compreendido entre setembro e dezembro marcou uma mudança expressiva no comportamento do setor manufatureiro, rompendo-se a tendência de recuperação desenhada no trimestre anterior e ocorrendo uma queda acentuada na produção. Com isso e excetuando-se três gêneros que se expandiram — material de transporte (9,2%), borracha (2,2%) e fumo (0,5%) —, todos os demais experimentaram taxas negativas de crescimento da produção física durante 1988.

GRÁFICO 1

TAXAS DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO BRASIL - 1988/89



FONTE: IBGE.

Consoante um estudo efetuado pelo INPES, que incorpora projeções referentes ao setor industrial até 1990, constata-se que, a médio prazo, o quadro recessivo atual terá prosseguimento. A taxa de formação bruta de capital fixo (Fbcf)¹, que reflete os investimentos realizados, reduziu-se a somente 16,1% do PIB em 1988 (Tabela 1), uma das menores taxas registradas nesta década. Na verdade, unicamente em 1983 (16%) e 1984

¹ A taxa de formação bruta de capital fixo é calculada com base na soma da produção da construção civil, da produção de bens de capital, das importações de bens de capital menos as exportações desses bens.

(15,7%) foram detectadas taxas mais baixas. Ressalte-se que as taxas históricas de Fbcf registradas ao longo da década de 70, quando a economia do País se caracterizou por um elevado crescimento, foram da ordem de 20%, o que dá uma idéia bastante precisa das atuais insuficiências nesse domínio.

Tabela 1

Formação bruta de capital fixo no Brasil — 1987-88

PERÍODOS	ÍNDICE DA Fbcf DESSAZONALIZADO (1)	TAXAS DE INVESTIMENTO (2)	
		Acumuladas em 12 Meses	No Trimestre
1987			
1º trim.	98,6	18,3	18,2
2º trim.	95,3	18,1	17,4
3º trim.	88,0	17,6	16,5
4º trim.	88,4	17,1	16,4
1988			
1º trim.	90,7	16,7	16,7
2º trim.	87,9	16,4	16,2
3º trim.	85,1	16,2	15,7
4º trim.	83,2	16,1	15,7

FONTE: IPEA/INPES.

(1) Base: média 1980 = 100. (2) Em % do PIB (valor constante de 1980).

Um outro indicador que pode ser usado para revelar a crise por que passa a economia brasileira e a indústria de transformação, em especial, é constituído pela taxa média do pessoal ocupado. De fato, dados do DECAD/ /FIESP referentes a 1988 indicam a ocorrência de uma queda de 2% na ocupação do total da força de trabalho na Grande São Paulo, relativamente a 1987.

Análise por categorias de uso

O exame da indústria de transformação, observada através de seu comportamento por categorias de uso, revela que, em 1988 e com relação a 1987, foram as indústrias produtoras de bens de consumo que acusaram o pior desempenho (-3,5%). Note-se (Tabela 2) que a responsabilidade por essa queda de produção coube ao segmento de bens de consumo não duráveis (-4,43%).

Tabela 2

Participação percentual no valor da produção, por categorias de uso, da indústria de transformação e taxas de crescimento acumuladas da produção industrial no Brasil — 1980 e jan.-dez. 1987/88

CATEGORIAS DE USO	PARTICIPAÇÃO NO VALOR DA PRODUÇÃO EM 1980	TAXAS DE CRESCIMENTO
		ACUMULADAS
		JAN-DEZ/88 JAN-DEZ/87
Bens de capital	13,4	-2,08
Bens intermediários	48,3	-2,28
Bens de consumo	38,3	-3,50
Bens de consumo duráveis ...	8,6	0,46
Bens de consumo não duráveis	29,7	-4,43
Indústria de transformação ...	100,0	-3,50

FONTE: IBGE.

CENSO INDUSTRIAL 1980: Brasil (1984). Rio de Janeiro, IBGE.

Atribui-se a má "performance" dessa categoria à própria crise econômica por que passa o País, a qual, entre outras implicações, tem sido acompanhada por uma queda real nos salários. Estudos da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE) para a Grande São Paulo, cobrindo o período 1985-88, demonstram que as perdas salariais atingiram 23,1%. Além disso, se forem computados somente os dois últimos anos, essa redução será ainda maior — tendo em vista que, em 1986 (Plano Cruzado), se registrou um crescimento significativo dos salários médios reais na região. Em consequência desse "achatamento salarial", a massa de salários diminuiu 11% no mesmo período (GM, 3.3.89, p. 6).

Os gêneros da categoria bens de consumo não duráveis que registraram as maiores quedas de produção com relação a 1987 foram: indústria farmacêutica (-13,2%), perfumaria, sabão e velas (-9,7%) e vestuário, calçados e artefatos de tecidos (-6,6%). Ver a esse respeito Tabela 2 do Anexo.

Dentre todas as categorias, a de bens de consumo duráveis foi a única a ter sua produção aumentada no período em questão (0,46%). Isso pode ser explicado pelo fato de uma grande parte dessa produção ser direcionada para o consumo das camadas de maior poder aquisitivo, relativamente menos suscetíveis aos efeitos da crise econômica, e pela expansão das exportações relativas a esses produtos.

Nessa categoria, destacou-se o gênero material de transporte, com realce para a indústria automobilística. Assim, entre janeiro e novembro de 1988 e relativamente a igual período do ano anterior, a produção de veículos aumentou 16,4%, crescendo 28,9% a comercialização de seus produtos no mercado interno (Exame, 1988, p. 12).

A categoria bens intermediários, por seu turno, registrou uma diminuição na produção de 2,28% em 1988 relativamente a 1987, o que reflete necessariamente o mau desempenho da indústria em geral. Dos gêneros que a compõem, somente borracha acusou um crescimento de 2,2% no período analisado. Esse bom desempenho foi devido, em grande parte, à indústria de pneus, que, no ano passado e segundo informações da Associação Nacional da Indústria de Pneus (ANIP), aumentou sua produção em 5,5% e suas exportações em 12%. Todos os demais gêneros dessa categoria apresentaram taxas negativas de crescimento.

As indústrias que produzem preponderantemente bens de capital acompanharam a retração da economia nacional no ano de 1988, acusando um declínio em sua produção de 2,08%. Registre-se que os gêneros que mais contribuíram para tal resultado negativo foram: mecânica (-8,6%) e material elétrico e de comunicações (-4,7%).

No que diz respeito especialmente à mecânica, uma grande parcela de responsabilidade por seu mau desempenho deve ser creditada à baixa "performance" da indústria de máquinas agrícolas. Esse é um fato paradoxal à primeira vista, uma vez que 1988 foi um ano de safras excepcionais. As explicações devem ser buscadas nas indefinições da política agrícola que, segundo André Beer da ANFAVEA, "ora reservando crédito de custeio a juros de mercado, ora zerando recursos ao setor agrícola ou atrasando a liberação de verbas" (ZH, 10.2.89, p. 19), incentivaram o produtor rural a adotar um padrão de comportamento por demais cauteloso em seus projetos de investimento.

1989: mesmo quadro de 1988?

O quadro recessivo que caracterizou a indústria manufatureira em 1988 continua presente nos primeiros meses do corrente ano. Assim, observando-se o seu comportamento em janeiro passado, constata-se que a produção se reduziu em 2% relativamente ao mesmo mês de 1988 e em 2,2% em confronto com dezembro. Somente os gêneros material de transporte (10,8%), material elétrico e de comunicações (3,6%), papel e papelão (2,6%), borracha (2,5%) e vestuário, calçados e artefatos de tecidos (0,9%) registraram aumentos de produção em relação a janeiro de 1988, enquanto que os 11 restantes acompanharam o fraco desempenho apresentado pelo conjunto do setor industrial.

Em fevereiro, porém, ficou mais evidenciada a retração acusada no setor industrial. A produção física, segundo a Fundação IBGE, registrou uma queda de 9,9%, ou seja, o mais baixo resultado desde 1983 (-11,0%). A totalidade dos gêneros industriais apresentou decréscimo de produção, fato que não ocorria desde 1982. O mau desempenho da indústria brasileira esteve fortemente atrelado ao fraco comportamento da mecânica (-14,3%), da química (-6,2%) e de produtos alimentares (-5,8%). Essa retração se expressa também a nível do mercado de trabalho, que acusou a dispensa de 0,84% do pessoal ocupado nos dois primeiros meses do corrente ano, na Grande São Paulo.

As indústrias produtoras de bens de consumo não duráveis (-7,3%) e de bens de capital (-5,6%) destacaram-se negativamente no primeiro bimestre do corrente ano relativamente ao mesmo período de 1987, e as de bens intermediários e de bens de consumo duráveis aumentaram sua produção em 5,6% e 4,4% respectivamente (ZH, 11.4.89, p. 19).

1989: sob o signo do Plano Verão

A atual retração da produção industrial, em um contexto de manutenção da política econômica que vem sendo seguida, tem dado mostras de estender-se aos próximos meses. De fato, o Plano Verão, posto em execução a partir de 15 de janeiro deste ano, aprofundou o caráter recessivo da política já anteriormente adotada, que se caracteriza pela elevação da taxa real de juros, pela insistência de cortes nos gastos governamentais e pela contração dos salários reais.

Como seria de se esperar, os impactos dessa política sobre a indústria de transformação tem sido, em sua maioria, negativos. Esses só foram menores para os setores que puderam direcionar sua oferta para o mercado externo. A desvalorização nominal do câmbio, em 17%, não chegou a beneficiar realmente o setor exportador, uma vez que esse percentual não foi suficiente para determinar uma valorização real do cruzado.

As indústrias de bens de capital², por exemplo, registraram uma expressiva queda em sua produção para se adequarem aos cortes drásticos efetuados pelo Governo em seus investimentos, os quais significam uma grande parcela da demanda por seus bens.

² Em janeiro de 1989, relativamente ao mesmo mês do ano anterior, a produção de bens de capital cresceu 1,31%. Entretanto, esse aumento ocorreu em confronto com um período de produção extremamente baixa — janeiro de 1988 (-9,42%) —, o que dá pouca expressão a essa taxa. Em relação ao mês anterior — também um mês de produção restrita — a taxa em questão acusou uma queda de 1,1%.

Quanto aos recursos que deveriam ser destinados aos investimentos privados, esses têm, em grande parte, sido desviados para a compra de papéis de alto rendimento. Por outro lado, o custo do dinheiro está demasiado alto para que os empresários possam recorrer a financiamentos.

O bom desempenho das indústrias produtoras de bens de consumo duráveis (15,9% em janeiro) surge como um resultado da elevação da demanda por esses bens, em decorrência da expectativa do fim do congelamento e de novos aumentos de preços. Já os bens de consumo não duráveis acusaram uma queda na produção da ordem de 4,72%, fato a ser atribuído à diminuição do poder aquisitivo dos assalariados.

Conforme já referido, as indústrias exportadoras foram as que menos sentiram os efeitos recessivos do Plano Verão. Embora a taxa real de câmbio ainda não as favoreça, a redução dos salários reais e um mercado em expansão têm proporcionado alguns ganhos a esse setor.

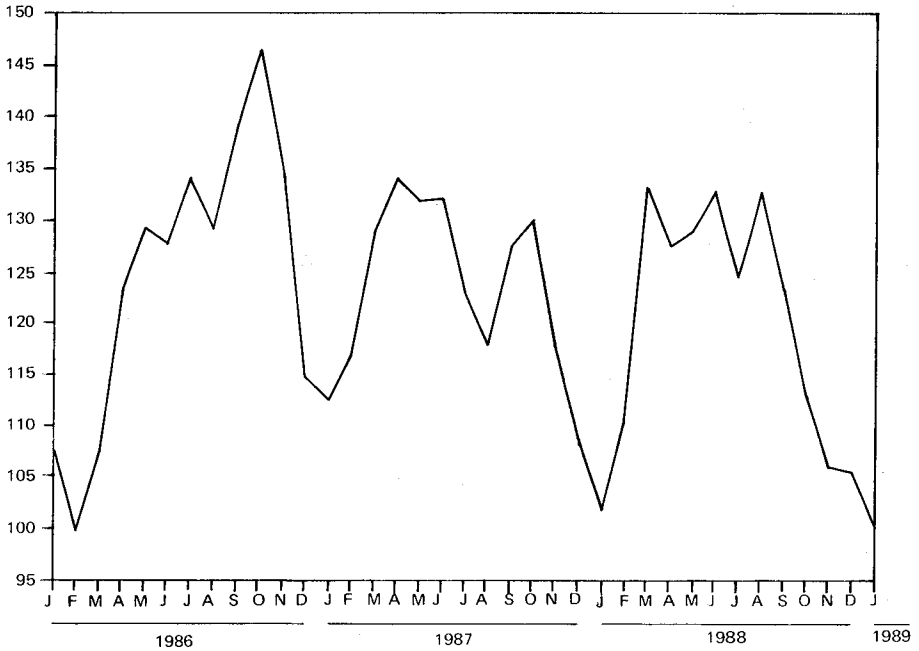
Desse modo, no que se refere à indústria de transformação, o Plano Verão reforça a tendência à baixa do grau de atividades, com implicações imediatas quanto à diminuição dos níveis de produção, emprego e salários na economia nacional.

No Rio Grande do Sul

O desempenho da indústria de transformação do Rio Grande do Sul em 1988 confirmou a tendência à queda que vem se manifestando desde meados de 1987 (Indic. Econ. FEE, 1989, p. 85). Ver a respeito o Gráfico 2. Os oito primeiros meses de 1988 caracterizaram-se pela oscilação nas taxas do indicador mensal da produção física da indústria. A partir de setembro, no entanto, observou-se um período de taxas negativas. Com isso, chegou-se ao final do ano com uma taxa acumulada de -2,7%. Os gêneros mais atingidos com a retração foram a metalúrgica (-8,7%), mecânica (-5%), material elétrico e de comunicações (-12%) e química (-8,7%).

Essas taxas negativas, que acompanharam a queda da indústria brasileira, encontram explicação na retração da economia nacional. Esse fato é melhor entendido quando se observa a importância do mercado brasileiro para os produtos da indústria gaúcha. Segundo dados do Instituto de Desenvolvimento Empresarial do Rio Grande do Sul (IDERGS), cerca de 45% das vendas desses produtos destinam-se a outros estados e em torno de 32% para o mercado gaúcho (ver Tabela 3). Essa vinculação da indústria gaúcha com a economia nacional mostra-se, também, pelo fato de aproximadamente 40% das compras da indústria do Rio Grande do Sul terem origem em outros estados (ver Tabela 4). Justifica-se, assim, a razão de a indústria gaúcha ter acompanhado o fraco desempenho da economia nacional.

GRÁFICO 2

**ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO
DO RIO GRANDE DO SUL – 1986/89**


FONTES: IBGE.

Tabela 3

Participação percentual dos mercados no total das vendas da indústria do Rio Grande do Sul — 1988/89

MERCADOS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
Rio Grande do Sul	33,3	34,8	31,2	33,6	33,8	32,0	32,5	31,2	32,7	30,6	33,3	33,4	38,5
Outros estados	50,1	47,9	51,7	48,7	44,0	42,9	44,0	47,4	48,5	50,1	50,1	42,2	44,6
Exterior	16,7	17,3	17,1	17,7	22,2	25,1	23,5	21,4	18,5	19,3	16,6	24,4	16,9

FONTES: INDICADORES INDUSTRIAIS DO RIO GRANDE DO SUL (1988). Porto Alegre, IDERGS/CEAG.

Tabela 4

Participação percentual dos mercados no total das compras da indústria do Rio Grande do Sul — 1988/89

MERCADOS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
Rio Grande do Sul	52,6	51,6	51,6	53,6	46,4	53,6	49,5	48,3	48,4	47,1	36,2	46,0	49,8
Outros estados	38,9	40,4	38,9	39,8	32,4	38,1	42,7	43,2	43,3	44,9	42,2	44,1	40,7
Exterior	8,5	8,0	9,5	6,6	4,2	8,3	7,8	8,5	8,3	8,0	11,6	9,9	9,5

FONTE: INDICADORES INDUSTRIAIS DO RIO GRANDE DO SUL (1988). Porto Alegre, IDERGS/CEAG.

Apesar da não-disponibilidade de dados para os três primeiros meses do ano, há indícios de que a indústria do Rio Grande do Sul continua se retraindo. Os dados do IBGE para o mês de janeiro apontam uma queda no índice da produção física da indústria de transformação de 1,9% em relação a janeiro de 1988 e de 5,2% em relação a dezembro. É significativo o fato de esse índice ser o menor verificado desde março de 1986. Os principais responsáveis por essa queda foram: material elétrico, com uma taxa de -41,7%, e química, com -14%, ambos em relação a janeiro de 1988. Cabe ressaltar que o índice deste último gênero atingiu, então, seu patamar mais baixo desde 1981. Contrabalançando esses resultados, o gênero vestuário, calçados e artefatos de tecidos apresentou um crescimento de 12%.

Dada a atual política econômica, não há indícios de melhoras para os próximos meses, a não ser que tal política obtenha uma expansão das exportações que contrabalance a retração do mercado interno. Tal fato, no entanto, não parece provável. Quanto aos investimentos públicos e privados, a perspectiva é de que permaneçam estáveis, ou mesmo de que sofram retração. A exemplo do ocorrido no âmbito nacional, os salários no Rio Grande do Sul também apresentaram declínio. Segundo dados do IDERGS, o salário médio do pessoal ocupado na indústria de transformação apresentou, em janeiro, uma queda de 3,5% em relação a dezembro, reflexo da aceleração inflacionária do início do ano. Além disso, é possível que, diante da inexistente política salarial e do iminente descongelamento de preços, os salários venham a se reduzir ainda mais.

Tal situação expressa-se na redução dos níveis de produção e de demanda a nível nacional, o que, como se verificou nos dados do IDERGS relativos ao destino da produção gaúcha, é de grande significância para a indústria de transformação. Isso explica a importância da queda de 37% das vendas dessa indústria para "outros estados" e de 24% no mercado interno do Rio Grande do Sul — dados do IDERGS de janeiro de 1989 relativamente a dezembro de 1988.